



PROGRAMAS E BIBLIOGRAFIAS

1º período letivo de 2013

DISCIPLINA	NOME
HZ664A	Tópicos Especiais em Antropologia VI "O medo de existir: antropologia e psicanálise"

Horas Semanais						
Teóricas	Práticas	Laboratório	Orientação	Distância	Estudo em Casa	Sala de Aula
04	00	00	00	00	00	04
Nº semanas	Carga horária total		Créditos	Exame	Frequência	Aprovação
15	60		04	S	75%	N

Ementa:

Este curso terá seu programa definido em função do andamento das pesquisas que estão sendo realizadas no conjunto de Antropologia.

Objetivos e Programa:

O medo de existir: antropologia e psicanálise

José Gil é um pensador moçambicano que viveu muito anos em Paris, e agora vive em Lisboa. Publicou em 2008: Portugal, Hoje – O medo de Existir. Apesar do título, é um livro que pode ser lido com interesse por qualquer cidadão de qualquer país. Fala sim de Portugal e em alguns capítulos os portugueses são contemplados nos seus afetos, modos de ser, viver, pensar, relacionar-se com o outro e consigo mesmo. É exatamente por isso, porque a interpretação do social de José Gil não se atém àquilo que a sociologia faz classicamente; é por isso, dizia eu, que até os capítulos que contemplam Portugal e os portugueses é puro deleite, deleite de como é possível fazer uma antropologia dos afetos (a inveja, o ressentimento, o queixume, o medo) , uma antropologia do que não pode ser nomeado, do invisível mas que tem imenso peso de realidade, diria mesmo é a realidade de um país. Para tecer essa antropologia dos afetos o autor mobiliza o que há de melhor na teoria da psicanálise e o faz sempre de forma original. O universo mental de José Gil passa por Gilles Deleuze, Foucault e, pelo pensamento psicanalítico, em particular por um dos livros mais importantes da história recente da psicanálise A Casca e o Núcleo de Maria Torok e Nicolas Abraham.

É a partir da discussão desses autores que José Gil tece a argumentação central de seu livro: Portugal é o país da "não inscrição": nada acontece quer seja na história, na existência individual, na vida social ou no plano artístico. Obviamente, a "não-inscrição", como veremos, não é só portuguesa! O Brasil também é um país da "não inscrição". E, atenção, se não há inscrição, não há também produção do real: nesse sentido "nada acontece"! A não-inscrição se impõe aos indivíduos como um trauma. Inscrever-se, ao contrário, implica em ação, afirmação, decisão, autonomia e sentido para a existência.

Leremos o livro de José Gil, espécie de paradigma da interpretação social e política, e retomaremos o livro de Maria Torok e de N. Abraham; também re-visitaremos G. Deleuze e Foucault.

Bibliografia:

A bibliografia e o cronograma serão oferecidos no início do curso.

Docente:

Nome: Amnérís Ângela Maroni